

RICK RIORDAN

PERCY
JACKSON
E OS OLIMPIANOS



intrínseca

←—————→
O CÁLICE DOS DEUSES

RICK RIORDAN

PERCIVAL
JACKSON
E OS OLIMPIANOS

←—————→
O CÁLICE DOS DEUSES
←—————→

TRADUÇÃO DE REGIANE WINARSKI



Copyright © 2023 by Rick Riordan
Publicado mediante acordo com Gallt & Zacker Literary Agency LLC.

TÍTULO ORIGINAL
The Chalice of the Gods

PREPARAÇÃO
Ilana Goldfeld
Angélica Andrade

REVISÃO
Theo Araújo

DIAGRAMAÇÃO E ADAPTAÇÃO DE PROJETO GRÁFICO
Julio Moreira | Equatorium Design

PROJETO GRÁFICO ORIGINAL
Joann Hill

DESIGN DE CAPA
Joann Hill

ILUSTRAÇÃO DE CAPA
© Victo Ngai
© 2023 Disney Enterprises, Inc.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

R452c

Riordan, Rick, 1964-
O cálice dos deuses / Rick Riordan ; tradução Regiane Winarski. - I. ed. - Rio
de Janeiro : Intrínseca, 2023.
272 p. ; 21 cm. (Percy Jackson e os olimpianos)

Tradução de: The chalice of the gods
ISBN 978-65-5560-649-2

I. Mitologia grega - Literatura infantojuvenil. 2. Literatura infantojuvenil ameri-
cana. I. Winarski, Regiane. II. Título. III. Série.

23-85151

CDD: 808.899282
CDU: 82-93(73)



Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

[2023]

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Intrínseca Ltda.
Av. das Américas, 500, bloco 12, sala 303
22640-904 – Barra da Tijuca
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Para Walker, Aryan e Leah

A novos começos!



SUMÁRIO

UM	
EU DESÇO PELA DESCARGA	11
DOIS	
MEU PAI DÁ UMA AJUDINHA*	
(*NÃO AJUDA NEM UM POUCO)	19
TRÊS	
NÓS RECLAMAMOS DE MISSÕES E CABAÇAS DECORATIVAS	26
QUATRO	
EU LEVO UM GOSTOSÃO PARA TOMAR SMOOTHIE	35
CINCO	
TODO MUNDO ODEIA GANIMEDES PORQUE ELE É BONITO DEMAIS	41
SEIS	
AFINAL, ALÇAÇUZ	48
SETE	
PARA A SURPRESA DE NINGUÉM, EU OFENDO UMA DEUSA	58
OITO	
EU QUERO MINHA MÃE	65
NOVE	
AS GALINHAS ARRANCAM SANGUE	73
DEZ	
MEU CANTO PIORA AS COISAS, O QUE SURPREENDE TODO MUNDO	82
ONZE	
À GENTE GANHA ZERO BILHETES DE PRÊMIO	90

DOZE	
GANIMEDES ME ARRUMA UM REFIL	96
TREZE	
PROCURAMOS COISAS MORTAS NA FEIRA DE PRODUTORES	103
CATORZE	
ÍRIS ME DÁ UMA VARETA	111
QUINZE	
YONKERS!	119
DEZESSEIS	
GROVER CANTA AS MÚSICAS DE COBRA	126
DEZESSETE	
CONHEÇO O COQUE SAMURAI DA DESGRAÇA	134
DEZOITO	
ANNABETH RESOLVE TUDO COM CHÁ DE ERVAS	141
DEZENOVE	
EU SINTO GOSTO DE ARCO-ÍRIS, E É BEM RUIM	149
VINTE	
ÍRIS ACEITA PIX	157
VINTE E UM	
EU DOU CONSELHOS DE RELACIONAMENTO. NÃO, É SÉRIO. POR QUE VOCÊ ESTÁ RINDO?	164
VINTE E DOIS	
EU GANHO UM CUPCAKE E UMA SURPRESA	172
VINTE E TRÊS	
GANIMEDES EXPLODE TODAS AS BEBIDAS	180
VINTE E QUATRO	
EU ESCOVO OS DENTES (DO JEITO MAIS HEROICO POSSÍVEL)	188
VINTE E CINCO	
EU CONHEÇO O GATUNO DE CÁLICE	194

VINTE E SEIS	
EU NEGOCIO OS TERMOS DA MINHA DESINTEGRAÇÃO	203
VINTE E SETE	
MINHAS PALAVRAS FINAIS SÃO SUPERCONSTRANGEDORAS	210
VINTE E OITO	
COMEÇAM A CHOVER BRINQUEDOS	217
VINTE E NOVE	
EU HESITO NO PRECIPÍCIO DO MONTE BRUNCH	223
TRINTA	
EU ME INFILTRO NA TOCA DO <i>DEUS DO RAI0 3.000</i>	231
TRINTA E UM	
ENFRENTO UM PREDADOR PERIGOSO QUE TALVEZ SEJA MINHA FUTURA SOGRA	239
TRINTA E DOIS	
GROVER COME MINHAS SOBRAS	247
TRINTA E TRÊS	
MAIS UMA BALINHA, EM HOMENAGEM AOS VELHOS TEMPOS	256
TRINTA E QUATRO	
ESCREVO A PIOR CARTA DO MUNDO, APAGA, APAGA	260
TRINTA E CINCO	
QUASE O MELHOR BEIJO DE BOA-NOITE DO MUNDO	266

U M



EU DESÇO PELA DESCARGA

O lha, eu não queria estar no último ano do ensino médio.

Eu tinha esperanças de que meu pai pudesse escrever um bilhete:

Prezado Fulano,

Por favor, dispense Percy Jackson da escola para sempre e dê logo o diploma para ele.

Obrigado.

Poseidon

Achei que merecia isso depois de batalhar contra deuses e monstros desde os doze anos. Eu tinha salvado o mundo... três vezes? Quatro? Já perdi a conta. Você não precisa dos detalhes. Nem sei se me lembro de tudo a essa altura.

Talvez você esteja pensando: *Uau! Você é filho de um deus grego! Deve ser incrível!*

Mas quer saber a verdade? Na maior parte do tempo, ser um semideus é uma porcaria. Se alguém disser o contrário, é porque está tentando recrutar você para uma missão.

Então lá estava eu, atravessando o corredor em minha primeira manhã em uma escola nova de ensino médio (mais uma vez), depois de perder todo o segundo ano por causa de amnésia mágica

(longa história). Meus livros estavam quase caindo dos braços, e eu não tinha ideia de onde ficava a sala de matemática do terceiro período. Inglês e biologia já tinham fritado meu cérebro. Não sabia como chegaria ao fim do dia.

Uma voz chiou no alto-falante:

— *Percy Jackson, por favor, apresente-se na sala da orientadora.*

Pelo menos nenhum dos alunos me conhecia ainda. Ninguém olhou para mim e riu. Apenas me virei, com um ar meio despreocupado, e segui em direção à ala da administração.

A Alternative High School fica em uma antiga escola de ensino fundamental no Queens. Ou seja, são apenas mesas pequeninas e nenhum armário, o que faz a gente ter que carregar todas as nossas coisas de uma aula para a outra. Em todos os corredores, eu encontrava lembretes alegres da infância na escola: manchas de tinta de dedo nas paredes, adesivos de unicórnio se soltando de extintores de incêndio e de vez em quando um cheirinho de suco de frutas e biscoitos.

A AHS aceita qualquer um que precise terminar o ensino médio. Não importa se você saiu do reformatório juvenil, se tem dificuldades severas de aprendizagem ou se por acaso é um semideus muito azarado. Também é a única escola na região de Nova York que me aceitou para o último ano e me ajudou a compensar os créditos que perdi no anterior.

O lado bom é que tem uma equipe de natação e uma piscina olímpica (não faço ideia do motivo), e meu padrasto, Paul Blofis, achou que seria bom para mim. Prometi a ele que ia tentar.

Também fiz uma promessa para minha namorada, Annabeth. O plano era eu me formar a tempo de irmos para a faculdade juntos. Não queria decepcioná-la. Pensar nela indo para a Califórnia sem mim me tirava o sono...

Encontrei a sala da orientadora, um lugar que, nos velhos tempos, devia ter sido a enfermaria da escola. Deduzi isso a partir de um quadro na parede com um sapo roxo triste com um termômetro na boca.

— Sr. Jackson! Entre!

A orientadora contornou a mesa, pronta para apertar minha mão, até que percebeu que eu estava carregando três mil quilos de livros.

— Ah, coloque isso aí em qualquer lugar. Por favor, sente-se!

Ela indicou uma cadeira azul de plástico uns trinta centímetros baixa demais para mim. Quando me acomodei, meus olhos ficaram na altura de um pote de balas na mesa dela.

— Então... — A orientadora sorriu para mim, sentada na cadeira de aparência confortável e de tamanho adulto. Os óculos fundo de garrafa faziam seus olhos nadarem. O cabelo grisalho formava linhas onduladas que me lembravam um banco de ostras.

— Como você está se sentindo?

— A cadeira é meio baixa.

— Eu quis saber na escola.

— Bom, eu só tive duas aulas...

— Você já começou a preencher os formulários das faculdades?

— Eu acabei de chegar.

— Eu sei, o que quer dizer que nós já estamos atrasados.

Olhei para o sapo roxo, que parecia tão infeliz quanto eu.

— Olha, senhora...

— Pode me chamar de Eudora. Agora vamos ver que livretos nós temos — disse ela, alegre, então revirou uma gaveta.

— Poly Tech. BU. NYU. ASU. FU. Não, não, não.

Queria que ela parasse. Eu sentia as têmperas latejarem. Meu TDAH fazia com que eu me sentisse com um monte de bolas

de bilhar ricocheteando sob a pele. Não conseguia pensar sobre faculdade naquele dia.

— Olha, eu agradeço sua ajuda. Mas, de verdade, eu já tenho meio que um plano. Se eu conseguir terminar a escola este ano...

— É, a Universidade Nova Roma — disse ela, ainda concentrada na gaveta. — Mas a orientadora mortal não parece ter um livreto em nenhum lugar aqui.

Minhas orelhas estalaram.

Senti gosto de sal no fundo da garganta.

— Orientadora mortal?

Coloquei a mão no bolso da calça jeans, onde eu guardava minha arma favorita: uma caneta esferográfica mortífera. Não seria minha primeira vez me defendendo de um ataque na escola. É surpreendente a quantidade de professores, administradores e outros funcionários que são monstros disfarçados. Ou talvez não seja *tão* surpreendente assim.

— Quem é você? — perguntei.

Ela se sentou ereta e sorriu.

— Eu já falei. Meu nome é Eudora.

Eu a observei melhor. O cabelo cacheado era *mesmo* um banco de ostras. O vestido cintilava como uma membrana de água-viva.

É estranho como a Névoa funciona. Mesmo os semideuses, que veem coisas sobrenaturais o tempo todo, precisam se concentrar para romper a barreira entre o mundo humano e o divino. Caso contrário, a Névoa encobre o que se vê, faz ogros parecerem pedestres e um drakon gigante, o trem da linha N. (E pode acreditar, é constrangedor tentar subir em um drakon ao entrar na estação Astoria Boulevard.)

— O que você fez com a orientadora normal?

Eudora balançou a mão, fazendo pouco-caso.

— Ah, não se preocupe. Ela não poderia ajudar você com a Nova Roma. É por isso que *eu* estou aqui.

Algo no tom dela me deixou... não muito tranquilo, mas pelo menos não me senti ameaçado tão diretamente. Talvez ela só comesse outros orientadores.

E a presença dela era familiar... a sensação de sal nas narinas, a pressão nos ouvidos, como se eu estivesse trezentos metros de baixo d'água. Percebi que já tinha encontrado alguém como ela, quando tinha doze anos, no fundo do rio Mississippi.

— Você é um espírito do mar. Uma nereida.

Eudora riu.

— É, isso é óbvio, Percy. Você achou que eu era uma dríade?

— Então... foi meu pai que enviou você?

Ela arqueou uma sobrancelha, como se estivesse começando a achar que talvez eu fosse meio lerdo. O estranho é que as pessoas me olham muito com essa expressão.

— Isso, querido. Poseidon. Seu pai? Meu chefe? Agora peço desculpas por não conseguir encontrar um livreto, mas sei que você vai precisar de todos os requisitos humanos comuns para a Universidade Nova Roma: notas, histórico escolar e avaliação psicológica atualizada. Nada disso é um problema.

— Não?

Depois de tudo pelo que passei, talvez fosse cedo demais para se sentir confiante quanto ao último item.

— Mas você também vai precisar de alguns, hã, pré-requisitos especiais.

O gosto de água salgada piorou na minha boca.

— Quais pré-requisitos especiais?

— Alguém já falou com você sobre cartas de recomendação divinas?

Ela parecia querer muito que a resposta fosse sim.

— Não.

Eudora mexeu num pote de balas.

— Entendi. Bom. Você vai precisar de três cartas. De três deuses diferentes. Mas tenho certeza de que, para um semideus com seus talentos...

— *O quê?*

Eudora fez uma careta.

— Ou nós podemos olhar outras faculdades. A Faculdade Comunitária Ho-Ho-Kus é muito boa!

— Você está de *brincadeira*?

O rosto da nereida começou a cintilar. Filetes de água salgada escorreram do cabelo de banco de ostras.

Eu me senti mal por ter ficado com raiva. Não era culpa dela. Eu sabia que Eudora só estava tentando me ajudar porque meu pai tinha mandado. Ainda assim, não era o tipo de coisa com que eu quisesse lidar em uma segunda-feira de manhã. Nem nunca.

Voltei a respirar normalmente.

— Desculpa. É que... eu *preciso* entrar na Nova Roma. Fiz muitas coisas para os deuses ao longo dos anos. Não posso mandar um formulário para conseguir a recomendação deles por e-mail...?

Eudora franziu as sobrancelhas. O vestido dela tinha começado a liberar água do mar. Uma poça se espalhava pelo ladrilho verde e se aproximava cada vez mais dos meus livros.

Suspirei.

— Argh. Vou ter que fazer *novas* missões, né?

— Bom, querido, o processo de admissão da faculdade sempre é desafiador, mas estou aqui para ajudar...

— Que tal isto? Se meu pai quer mesmo ajudar, acho que ele mesmo devia me explicar esse negócio de carta de recomendação, em vez de mandar você aqui para me dar a má notícia.

— Ah. Bom, isso seria. . .

— Atípico dele — concordei.

Algo zumbiu no penteado (ostreado?) de Eudora, fazendo-a pular. Eu me perguntei se havia uma enguia elétrica presa no banco de ostras, mas ela puxou uma das conchas.

— Com licença. Preciso atender.

Eudora levou a concha ao ouvido.

— Alô? Ah, sim, senhor! Eu. . . Sim, eu entendo. Evidentemente. Agora mesmo.

Ela apoiou a concha na mesa e a encarou fixamente, como se estivesse com medo de que tocasse de novo.

— Meu pai?

Ela tentou sorrir. O lago de água salgada ainda estava se espalhando pelo chão da sala, molhando os livros, entrando nos meus sapatos.

— Ele acha que você talvez tenha razão. Ele vai explicar tudo para você pessoalmente.

Ela disse *pessoalmente* da forma que a maioria dos professores diz *na detenção*.

Tentei manter a calma, como se eu tivesse vencido uma discussão, mas meu pai e eu não nos falávamos havia. . . um tempo. Em geral, ele só me levava ao palácio submarino quando uma guerra estava prestes a começar. Eu tinha esperanças de que talvez ele me desse uma semana, mais ou menos, para me habituar à escola antes de me convocar.

— Ótimo — falei. — Então. . . eu posso voltar para a aula?

— Ah, não, querido. Ele quer dizer *agora*.

Em volta dos meus pés, a água girou, formando um minifuracão. Os ladrilhos começaram a rachar e se dissolver.

— Mas não se preocupe. Nós vamos nos ver de novo! — disse Eudora.

O chão sumiu de debaixo da cadeira, e eu despenquei em um redemoinho forte com um tsunami trovejante.



MEU PAI DÁ UMA AJUDINHA*
(*NÃO AJUDA NEM UM POUCO)

Você sabe que é semideus há muito tempo quando desce por algum tipo de descarga da escola direto para o oceano Atlântico e nem fica surpreso.

Não tentei lutar contra a correnteza. Conseguia respirar embaixo da água, então isso não era uma questão. Só continuei sentado na cadeirinha azul de plástico e despenquei pelo Encanamento Particular de Poseidon™, movido por um tsunami de quase vinte bilhões de litros. Mais rápido do que daria para dizer *Credo, que troço horrível*, fui expelido do fundo do mar como se tivesse sido cuspidado por um molusco.

Quando a nuvem de areia ao meu redor baixou, tentei me situar. Meus sentidos náuticos me diziam que me encontrava a uns sessenta e cinco quilômetros ao sudeste da costa de Long Island, a sessenta metros de profundidade. Não era nada de mais para um filho de Poseidon, mas, crianças, não tentem isso em casa. A uns noventa metros à minha frente, a plataforma continental despenca na escuridão. E bem no precipício havia um palácio reluzente: a *villa* de verão de Poseidon.

Como sempre, meu pai estava reformando o lugar. Acho que, quando se é imortal, você se cansa de ter a mesma casa por séculos. Poseidon sempre parece estar derrubando, renovando ou expan-

dindo. Uma coisa que ajudava era que, em se tratando de obras submarinas, ele tinha quase força infinita e mão de obra de graça.

Um par de baleias-azuis puxava uma coluna de mármore do tamanho de um prédio. Tubarões-martelo rejuntavam fileiras de tijolos de coral com as barbatanas e os cefalofólios. Centenas de tritões e sereias nadavam para lá e para cá, todos com capacetes que combinavam com o brilho amarelado de seus olhos.

Quando nadei pela obra, dois acenaram. Um golfinho de colete de segurança reflexivo bateu na minha mão em cumprimento.

Encontrei meu pai parado ao lado de uma piscina infinita parcialmente construída com vista para o abismo do Hudson Canyon. Não entendi direito qual era o sentido de uma piscina infinita quando já se estava debaixo da água, mas sabia que era melhor nem perguntar. Meu pai era tranquilo na maior parte do tempo, mas não era sábio questionar suas escolhas estilísticas.

As roupas dele, por exemplo.

Alguns dos deuses gregos que conheci gostavam de mudar de aparência todos os dias. Podiam fazer isso, sabe, por serem deuses. Mas Poseidon parecia ter escolhido um visual que funcionava para ele, mesmo que não funcionasse para mais ninguém.

Naquele dia, ele estava usando uma bermuda cargo amarrotada que combinava com um par de Crocs e meias. A camisa de botão de manga curta parecia ter sido alvo de uma guerra de paintball entre o Time Roxo e o Time Hello Kitty. O chapéu de pescador tinha iscas penduradas em volta da aba. Na mão, um tridente de bronze celestial vibrava com poder, fazendo a água ferver ao redor das pontas.

Com o corpo atlético, a barba escura aparada e o cabelo cacheado grisalho, era de se pensar que ele tinha uns quarenta e cinco anos... até ele se virar e sorrir para você. Aí, reparando nas

linhas de expressão do rosto, como a encosta desgastada de uma montanha, e no verde melancólico dos olhos, dava para perceber que aquele cara era mais velho do que a maioria das nações: poderoso, antigo e carregando o peso de bem mais do que apenas a pressão da água.

— Percy — cumprimentou ele.

— Oi.

Nossas conversas são profundas assim.

O sorriso dele ficou tenso.

— Como está a escola nova?

Segurei a vontade de comentar que eu só havia tido duas aulas antes de ser despejado numa descarga para o mar.

— Até agora, tudo bem.

Não devo ter soado convincente, porque meu pai franziu as sobrancelhas espessas. Imaginei nuvens de tempestade se formando na costa do Atlântico e barcos sacudindo em ondas furiosas.

— Se não for uma escola satisfatória, fico feliz em mandar uma onda gigante...

— Não, é legal — falei, depressa. — Então, sobre as cartas de recomendação para a faculdade...

Poseidon suspirou.

— Pois é. Eudora se ofereceu para orientar você. Ela é a nereida dos dons do mar, sabe? *Ama* ajudar as pessoas. Mas talvez ela devesse ter esperado um pouco antes de dar a notícia...

Em outras palavras: a responsabilidade tinha caído no colo *dele*, e ele não tinha gostado nada disso.

Se você concluiu que Poseidon é daqueles pais que preferem manter distância, você está de parabéns. Eu só o conheci com uns doze anos, quando (por pura coincidência) ele precisou de um favor.

Mas hoje em dia a gente até que se dá bem. Sei que meu pai me ama do jeito dele. Só que é difícil deuses serem próximos dos filhos mortais. Nós, semideuses, não vivemos muito em comparação aos deuses. Para eles, somos, digamos, hamsters. Hamsters que morrem muito. Além do mais, havia muitas outras coisas no radar de Poseidon: governar os oceanos; lidar com derramamentos de petróleo, furacões e monstros marinhos rabugentos; e reformar as mansões dele.

— Eu só quero entrar na Universidade Nova Roma. Não tem um jeito de você...?

Eu mexi os dedos, tentando indicar uma magia divina que desse um jeito de os problemas desaparecerem.

Não que eu já tivesse visto esse tipo de coisa acontecer. Os deuses são bem melhores em criar problemas magicamente do que resolvê-los.

Poseidon penteou o bigode com a ponta do tridente. Como ele fez isso sem cortar a cara, não sei.

— Infelizmente, as cartas de recomendação são o melhor que eu posso fazer. São o único jeito de o Conselho Olímpiano deixar você pagar sua dívida.

A comunicação debaixo d'água é complicada. Eu estava em parte traduzindo os sons e cliques de baleia e em parte ouvindo a voz dele por telepatia, então não tive certeza de que havia entendido.

— Eu não tenho dívida estudantil nenhuma — falei. — Nem fui aceito ainda.

— Não dívida estudantil. Essa é a dívida que você tem por... existir — explicou Poseidon.

Senti o estômago revirar.

— Você quer dizer por ser filho dos Três Grandes. *Seu* filho.

Após quase dez anos de espera, os fãs do semideus mais amado — e azarado — da literatura já podem comemorar: Percy Jackson está de volta! No aguardado novo título da série *Percy Jackson e os olímpianos*, que chega ao Brasil em lançamento simultâneo, o filho de Poseidon se prepara para uma de suas missões mais difíceis até agora: entrar na faculdade.

Depois de salvar o mundo inúmeras vezes de monstros, titãs, gigantes e outras criaturas aterrorizantes, tudo que Percy deseja é que seu último ano no ensino médio seja tranquilo. Infelizmente, os deuses têm outros planos para o jovem herói. Se ele quiser mesmo entrar na universidade, terá que cumprir três missões para conquistar três cartas de recomendação vindas diretamente do Monte Olimpo.

A primeira missão envolve ajudar o copeiro de Zeus a recuperar seu cálice antes que ele caia nas mãos erradas. Será que Percy, Annabeth e Grover conseguirão achar o cálice dos deuses a tempo? Unindo aventura, ação e mitologia grega a personagens apaixonantes e tramas hilárias, a série *Percy Jackson e os olímpianos* transformou a literatura jovem nos últimos anos e conquistou fãs no mundo inteiro. A história de Rick Riordan sobre um adolescente com TDAH que descobre ser filho do deus do mar e precisa navegar entre o mundo humano e o divino se tornou um best-seller e formou uma geração de leitores apaixonados que até hoje acompanham a saga de Percy e seus amigos. O sucesso da série chegou também às telas, em uma adaptação da plataforma de streaming Disney+ com estreia prevista para 2024.

SAIBA MAIS:

<https://intrinseca.com.br/livro/o-calice-dos-deuses/>